

# Entendimentos com o Fundo têm início

**W a s h i n g t o n** — Economistas do Brasil e do Fundo Monetário Internacional se reuniram ontem pela primeira vez em três anos na capital norte-americana para tratar de detalhes técnicos com vistas à retomada formal de negociações. A delegação brasileira é integrada por cinco funcionários, tendo à frente Mikai Gartenkraut assessor especial do ministro da Fazenda, Majlson da Nóbrega. Ontem houve um primeiro contato e hoje a delegação completa e funcionários do FMI iniciam formalmente os trabalhos.

O que estamos procurando com o FMI hoje é um mecanismo que envolva mais tendências do que metas fixas, afirmou um membro da delegação brasileira.

O Brasil, considerando que as medidas preconizadas pelo FMI eram incompatíveis com as suas necessidades de crescimento deixou de negociar formalmente com a entidade multilateral durante a transição do regime militar. Há três anos.

Nos anos anteriores, o Brasil acertou várias cartas de intenções com o Fundo, sem que conseguisse cumprir as metas previstas.

No passado, o FMI estipulava metas econômicas rígidas que o Brasil devia cumprir trimestralmente na suposição de que se conseguissem atingi-las, poderíamos ir atrás dos bancos tentar um acordo, comentou um membro da delegação.

Embora o acordo preliminar com os bancos comerciais anunciado no fim de semana pelo presidente do Banco Central, Fernando Milliet, e pelo presidente do comitê dos credores, William Rhodes, não esteja condicionado a um entendimento com o FMI. Desde fins do ano passado, o Brasil, através de seu ex-negociador-chefe Fernando Bracher, já se havia comprometido a negociar com o organismo multilateral.

Um dos pontos de divergência entre o Brasil e o FMI envolve a questão das importações, enquanto o Fundo sustenta que a manutenção das importações em níveis baixos melhora a balança comercial. O Brasil insiste em que precisa adquirir tecnologia e outros bens para desenvolver a sua indústria e criar empregos para sua população de 140 milhões de habitantes.

As restrições nas importações também contradizem à política de livre mercado preconizada pelo principal cliente da economia brasileira: os Estados Unidos.

O distanciamento entre o Brasil e o FMI, em 1985, prejudicou a situação do País ante seus credores. Fato agravado em fevereiro do ano passado com a moratória do pagamento dos juros da dívida junto aos bancos comerciais, em torno de 70 bilhões de dólares.